

# A inscrição paleocristã de Palhinha 1 e o seu enquadramento

CARLOS BATATA  
RUI BOAVENTURA  
ANDRÉ CARNEIRO

**R E S U M O** Apresenta-se a inscrição paleocristã de Palhinha 1, caracterizada pela sua antiguidade no contexto do Sul do actual território português, procurando-se a sua integração, recorrendo aos dados materiais e orais de prospecção do respectivo sítio, dando-se igualmente a conhecer alguns sítios inéditos que se situam na envolvente.

**A B S T R A C T** This paper is a presentation of the Paleo-Christian inscription of Palhinha 1, characterized by its antiquity in the context of the south of the present-day Portuguese territory, and seeks its understanding, using the material and oral survey data of the respective site, while also examining some unpublished sites which are located in its vicinity.

A Herdade da Palhinha situa-se na freguesia e concelho de Fronteira, distrito de Portalegre, na C. M. P. 383, na Latitude N 39°04'27" e na Longitude W (Greenwich) 7°42'12" (Fig. 1). Surgia referenciada no inventário do IPPAR, classificada como sítio romano, onde se apontava uma base de coluna, mó girante e silhares (depositados junto das casas do Monte). Posteriormente, é mencionada, de forma sumária, em trabalho policopiado efectuado no âmbito do GTL de Cabeço de Vide pela arquitecta Madalena Cabaço – surge aqui a fotografia de uma mó girante.

Após o processo de realocização do sítio da Herdade da Palhinha, renomeada Palhinha 1 pelos arqueólogos do IPA-Crato (Rui Boaventura e Carlos Batata), a chegada quase simultânea do arqueólogo André Carneiro à Autarquia de Fronteira veio dinamizar a pesquisa acerca deste sítio e da inscrição paleocristã, entretanto localizada e até esse momento sem qualquer estudo. Todavia, a fotografia desta inscrição aparece já publicada por Fernando Pina (1985) sem qualquer menção a esta ou à sua proveniência.

O sítio implanta-se próximo do topo de um cabeço pouco proeminente, sem grande domínio da paisagem em redor, estendendo-se por duas encostas, uma delas a Sudeste, bastante acentuada, com elevado comando e curso de água próximo, e outra entre Sul-Oeste, mais suave e cortada por novas elevações na direcção do curso de água, que se encontra mais distante (Fig. 2).

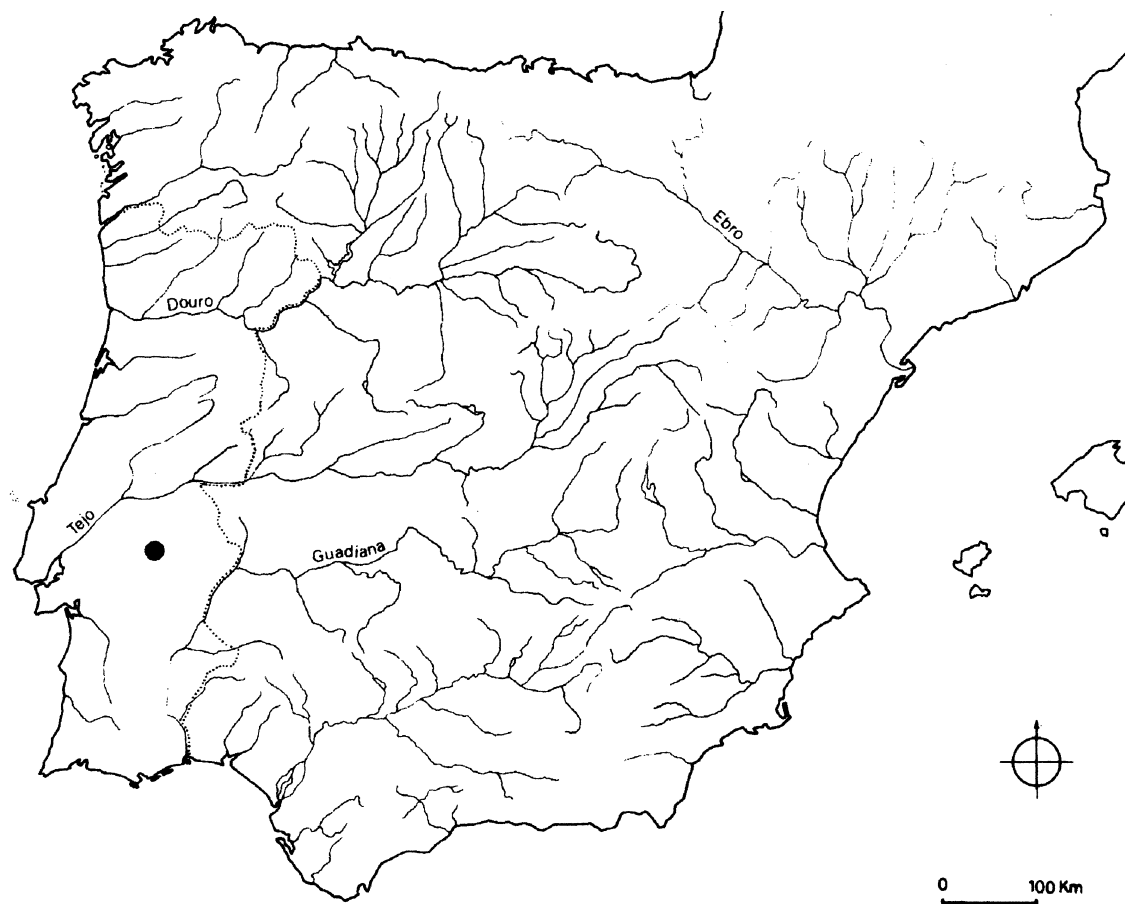


Fig 1 Palhinha 1 na Península Ibérica.

Os materiais arqueológicos dispersam-se por uma área com cerca de 2 ha, observando-se no terreno sobretudo *tegulae*, *imbrices*, *lateres*, *dolia* e alguns silhares. Salienta-se o predomínio destes materiais de construção face à escassez de cerâmica comum e a quase ausência de cerâmica fina – apenas foram recolhidos dois fragmentos de *terra sigillata* nas várias visitas ao local. Também foi recolhido *opus* com grandes pedaços de cerâmica inclusos, o que poderá indiciar um aparelho construtivo de grande volumetria.

A recolha de informação oral permitiu confirmar e ampliar o conhecimento sobre os achados existentes no Monte. Assim, o Sr. António Pinto Dias, anterior proprietário da Herdade da Palhinha referiu-nos a descoberta de “uma pedra circular toda escrita à volta” entretanto destruída, podendo corresponder a um marco miliário. O Sr. Cipriano Querido, antigo tractorista naquela Herdade, apontou no topo do local o surgimento, durante os trabalhos agrícolas, de várias lajes de xisto, uma asa de bronze (sítula?), pequenos potes e bilhas de barro, bem como da inscrição paleocristã, confirmando ainda a mesma proveniência para os elementos arquitectónicos existentes no Monte. Estes achados ocorreram durante os primeiros anos da década de 70. As prospecções ali efectuadas apenas confirmaram parcialmente estas indicações, visto que nos morouços se encontraram grandes lajes de xisto, mas não se registaram materiais similares aos descritos acima, e somente alguns fragmentos de *dolia*, um possível almofariz e uma mó, ambos em granito.

Face ao exposto, poderíamos apontar dois núcleos teoricamente distintos (Figs. 3-4): um espaço de **necrópole** (A) (baseado na informação oral e nos achados referidos), que não foi pos-

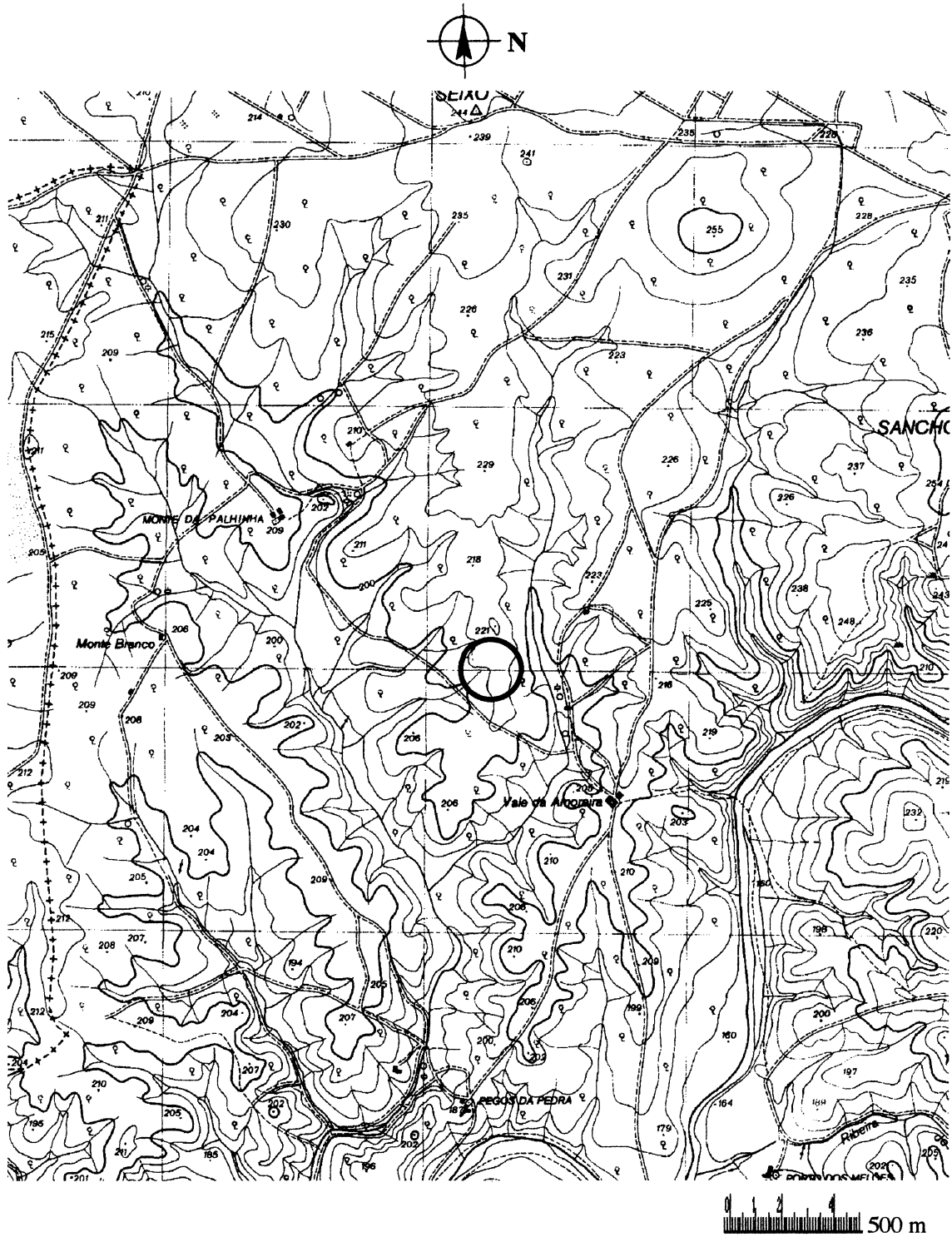


Fig 2 Palhinha 1 na Carta Militar de Portugal, 1:25 000.



Fig 3 Palhinha 1, vista de Oeste.



Fig 4 Palhinha 1, vista local de Sul.

sível confirmar integralmente no terreno; e um espaço de **habitat** (B) relativamente extenso com profusão de materiais de construção, embora sem elementos arquitectónicos dignos de nota, evidências que foram comprovadas no local. Todavia, estes espaços apresentam-se contíguos, demarcados apenas pelas informações expostas atrás.

A inscrição paleocristã esteve durante muitos anos no Monte da Palhinha, tendo sido depois levada pelo proprietário para a aldeia do Cano, concelho de Sousel, quando vendeu a propriedade. É aí que se encontra actualmente (Fig. 5).

Esta epígrafe apresenta-se numa lápide com 135 cm de comprimento e 50 cm de largura, registando uma espessura de 10 cm na parte superior e 7 cm na inferior. O suporte da inscrição é uma laje de calcário cristalino afeiçãoada na face e que apresenta o verso irregularmente talhado. A superfície epigrafada apresenta dois crismos insertos num duplo círculo decorado com palmas estilizadas (o de topo) e num círculo simples (o de baixo), ambos com as letras  $\omega$  e  $\nabla$  (o de cima) e A e  $\omega$  (o de baixo). O texto foi gravado no espaço intermédio com letras que possuem as seguintes alturas: linhas 1 e 2: 5 cm; linhas 3 e 4: 4 cm; linha 5: 3 cm. As linhas auxiliares variam entre os 6 e 7 cm.

Com o recurso de luz rasante efectuámos uma cuidada análise da gravação resultando na seguinte proposta de leitura:

DEPOSITIO IN / FANTIS PETE / IAN EIE II MENS I / TEMPVVS VIXIT / <sup>5</sup>DNVS VIII [?]

A nossa leitura resulta no texto: Deposição do jovem Pedro no dia 2 de Janeiro. Viveu o tempo de 8(?) anos e 1 mês.

O texto está alinhado à esquerda, com linhas auxiliares, à maneira romana, mas sem *punctadistinguentes*. A última linha de texto não tem linha auxiliar, dando a impressão da idade do defunto ter sido acrescentada posteriormente.

Nota-se uma certa imprecisão e mesmo alguns erros praticados pelo lapicida:

- A particularidade de ter todos os “e” curvos;
- O nome PETE apresenta uma forma também pouco habitual (o mais semelhante é PETRE);
- Na linha 3, a segunda palavra será provavelmente DIE, pois a letra “d” parece ter sido primeiramente um “e”, depois emendado, mas tendo este ficado voltado com a parte curva para a esquerda;
- Na linha 4, na palavra TEMPVS, nota-se que o segundo “u” é uma letra a mais, tendo o lapicida emendado e reescrito parcialmente por cima, resultando daí um nexos;
- A própria palavra TEMPVS raramente aparece em textos epigráficos funerários;
- Na linha 5, sem linha auxiliar, as letras foram gravadas de forma mais ligeira o que parece ser a reparação de uma omissão, já que a idade com que se faleceu, por norma, vem junto com os meses - talvez um esquecimento que foi reparado com o acrescento da idade no final do texto.

Pela ausência de fórmulas do tipo *famulus Dei* ou *famulus Christi* e a ausência da Era, esta inscrição poderá ser datada, segundo José Vives (1942, p. 8-9), no período compreendido entre 350 e 450 d.C. Realçando esta ideia, a gramática utilizada é ainda bastante clássica, o que é reforçado pela utilização das linhas auxiliares. Também a existência neste período de um formulário clássico a que se junta o monograma ou símbolo cristão, acentua a nossa proposta de datação. Os crismos mais antigos são o constantiniano e a cruz monogramática (séculos IV e seguintes), insertos em círculo, que aparecem em finais do séc. IV e inícios do séc. V (Vives, 1942). A fórmula *vixit annos*, que substitui a clássica *vixit annis*, aparece nos sécs. V e VI. Finalmente, a



Fig 5 Inscrição de Palhinha 1.

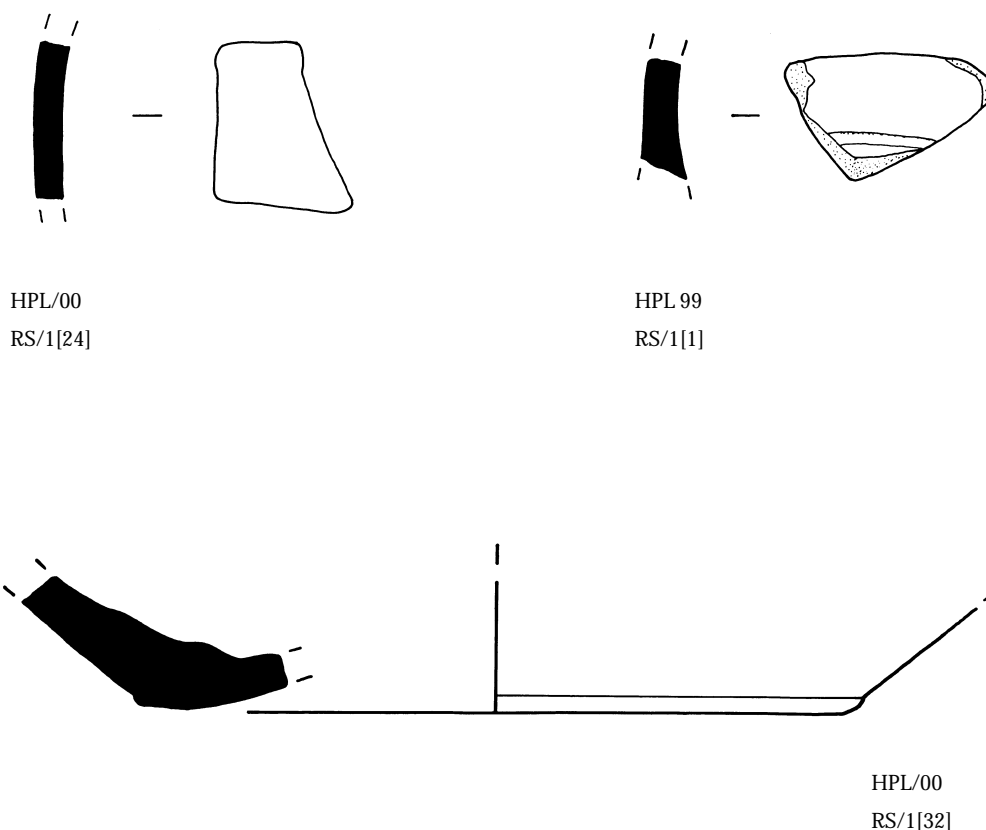


Fig 6 Cerâmicas de Palhinha 1.

indicação do dia de falecimento ou da deposição com a fórmula explícita *die*, não se encontra antes do séc. V, mudando para *sub die*, na primeira metade do séc. VI.

A inscrição surge como uma das mais antigas inscrições paleocristas do actual território português, provavelmente a par da epígrafe n.º 74 de Vives (1942), “provavelmente muito antiga”, achada em Bencatel, Vila Viçosa, a cerca de 50 km a sul da Palhinha. Neste sentido o conjunto epigráfico da Basílica de Mértola, ocorrendo entre finais do século V e durante o século VI (Torres e Macías, 1993), surge num momento posterior.

Assim, perante todos estes factores, propõe-se a datação da inscrição em finais do séc. IV ou inícios do séc. V.

Será interessante notar que as evidências materiais de superfície (Figs. 6-7) apontam para uma aparente concordância cronológica com a datação supra mencionada, quiçá recuando-a, na medida em que todas as cerâmicas recolhidas no local se caracterizam por uma diacronia tardia para o que se conhece da ocupação romana no actual território nacional. O fragmento de *terra sigillata* (*ts*) (HPL99RS/1[1]), embora sem uma forma reconhecível, apresenta o característico engobe de tonalidade escura típico dos fabricos hispânicos produzidos durante a segunda metade do século II (Beltrán, 1990). Já o fragmento de *ts* HPL00RS/1[24] também sem forma reconstituída, possui um engobe e uma pasta de tons claros característica que o coloca nos fabricos de *terra sigillata* clara dos séculos III-IV (Beltrán, 1990). As cerâmicas comuns apresentam sobretudo pastas claras associa-

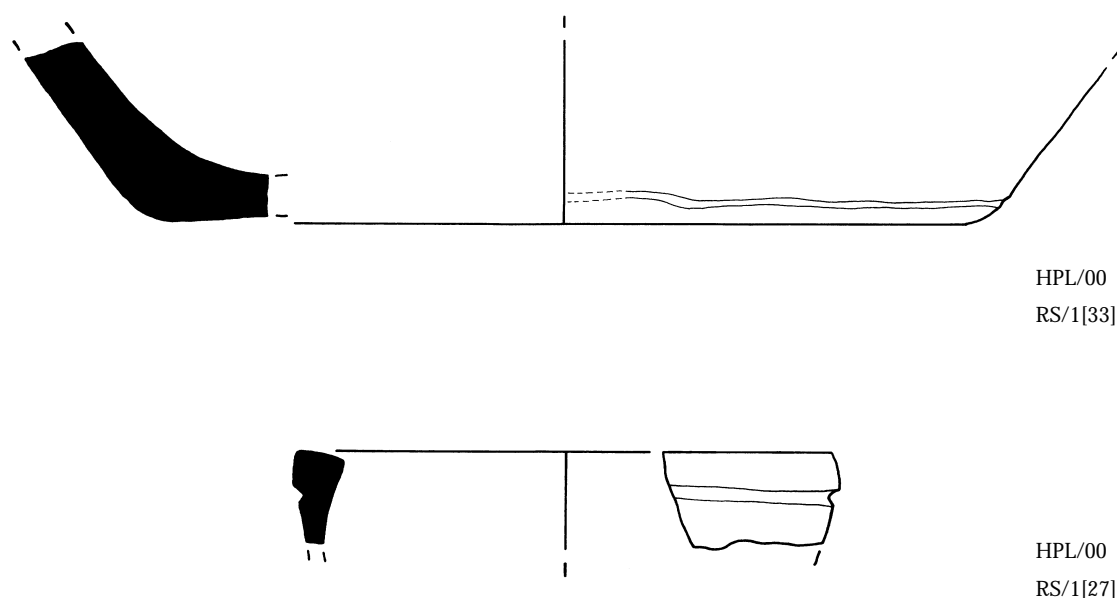


Fig 7 Cerâmicas de Palhinha 1.

das frequentemente a fabricos mais tardios (Nolen, 1985, 1995-1997), como a peça HPL00RS/1 [27], a única com provável utilização de louça de mesa. Outras peças agrupam-se num serviço de cozinha com marcas de fogo e pastas escuras (por exemplo HPL00RS/1 [33], HPL00RS/1 [32]).

A pesquisa na região permitiu até o momento identificar a presença romana de mais quatro sítios na área circundante (Fig. 8), ainda que os trabalhos não tenham sido efectuados de forma sistemática. Palhinha 2 é um sítio com uma pequena mancha de *imbrices*, situada num lomba de terreno a escassas centenas de metros de Palhinha 1. A sua atribuição cronológica e funcional não é clara, podendo assumir-se como um pequeno casal. Encontramos a Sul o Porto dos Melões ocupando uma península entre a Ribeira Grande e a ribeira do Bringelo. Neste segundo curso de água detecta-se ainda associado ao sítio uma pequena barragem em alvenaria onde surgem utilizadas tegulas na sua construção. No terreno surgem dois espaços aparentemente diferenciados: uma necrópole onde ainda em lavra recente se descobriu uma sepultura e uma área laboral onde ainda se encontra um peso de lagar, vários fragmentos de *dolia* e algumas estruturas aflorando no terreno. Para Sudoeste já no concelho de Avis surge o sítio do Cardoso, com um muro bastante evidente associado a uma dispersão de tegulas, *imbrices* e silhares. Por fim, o outro sítio próximo da Palhinha é o de Defesa dos Barros que se encontra sob a actual igreja arruinada do mesmo nome. Daqui veio uma inscrição (Encarnação, 1984, p. 530-531), avistando-se no local alicerces e pavimentos em opus, coluna em mármore, assim como uma grande dispersão de materiais em redor da referida igreja com tegulas, *terra sigillata* e cerâmica comum. O conjunto de evidências leva-nos a classificá-lo como *villa*.

O achado de um tesouro de moedas romanas de ouro situado no sítio da Cerejeira, próximo do Vale da Amoreira (Viana, 1955, p. 546; Alarcão, 1988 6/136), juntamente com o miliário (a referida "coluna com letras"), levanta a hipótese de uma via secundária que passasse, pelo menos, próximo de Palhinha 1 e Porto dos Melões, a que não seria estranha a existência ainda actual de dois troços de uma canada a Norte e Sul do segundo sítio.



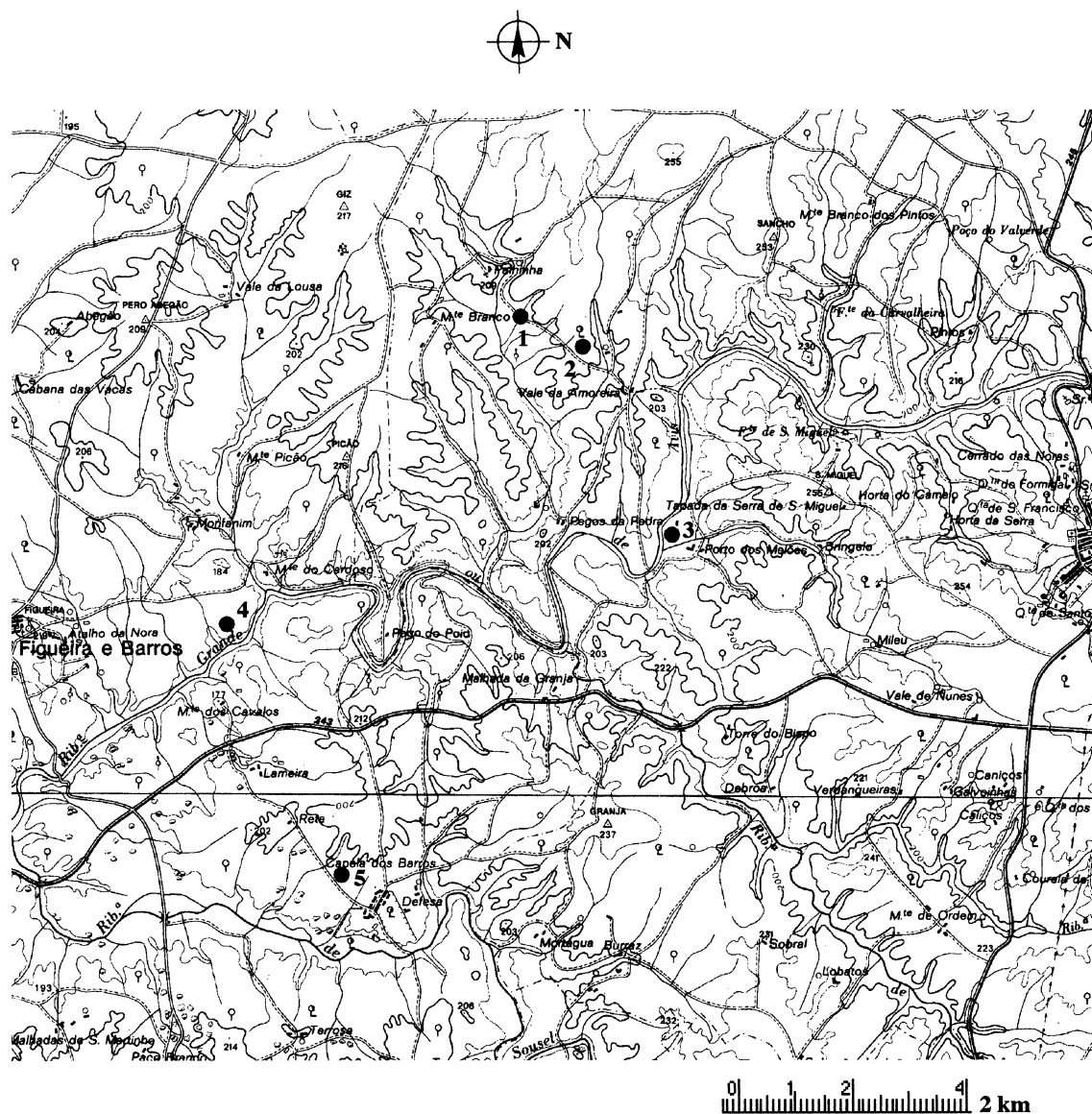


Fig 8 Sítios romanos na envolvente de Palhinha 1. 1- Palhinha 2, 2- Palhinha 1, 3- porto dos Melões, 4- Cardoso, 5- Defesa de Barros.

Ainda que a publicação da inscrição fosse importante *per se*, julgamos interessante a tentativa de cruzamento com a restante informação arqueológica disponível no sítio, considerando que estas se complementam. Pelos motivos expostos parece-nos que a inscrição constitui um dos mais antigos testemunhos do Cristianismo no Sul de Portugal.

Embora as evidências recolhidas não sejam suficientes e esclarecedoras, a presença desta epígrafe constitui um elemento indicador de uma certa importância dos ocupantes do sítio, apesar, repita-se, da indigência material aparente. Ainda que a inscrição concorde com as datações tardias disponibilizadas pelos elementos cerâmicos, indiciando a ocupação do sítio ainda durante o séc. V, só uma futura escavação poderá ampliar o leque de conhecimento sobre este sítio. Finalmente, é de referir que têm vindo a ser identificados novos sítios de época romana nesta área, onde eram desconhecidos, embora sem um conhecimento das suas funcionalidades e cronologias finas.

---

**AGRADECIMENTOS**

Eurico de Sepúlveda, que nos auxiliou na classificação dos fragmentos de *terra sigillata*, e a Paula Morgado, pelo desenho de materiais e crítica do texto.

---

**BIBLIOGRAFIA:**

- ALARCÃO, J. de (1988) - *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips, vol. 1, fasc. 3.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1990) - *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza: Pórtico.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) - *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Universidade.
- GORGES, J.-G. (1979) - *Les villas hispano-romaines: inventaire et problématique Archéologique*. Paris: CNRS.
- NOLEN, J. U. S. (1985) - *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- NOLEN, J. U. S. (1995-1997) - Acerca da cronologia da cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo: novos elementos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª Série, 13-15, p. 347-392.
- PINA, F. C. (1985) - *Fronteira: Subsídios para uma Monografia*. Fronteira: C. M..
- TORRES, C.; MACÍAS, S., eds. (1993) - *Museu de Mértola: Basilica Paleocristã*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- VIANA, A. (1955) - Notas de corografia arqueológica. *Brotéria*. Lisboa. 61, p. 545-556.
- VIVES, J. (1942) - *Inscripciones cristianas de la España romana y visigoda*. Barcelona.



